



## CARACTERIZAÇÃO DA PERSONALIDADE DE UMA AMOSTRA DE ADOLESCENTES COM HISTÓRICO DE CONDUTAS VIOLENTAS NA ESCOLA: ANÁLISE A PARTIR DO MÉTODO DE RORSCHACH<sup>1</sup>

### *CHARACTERIZATION OF THE PERSONALITY OF A TEENAGERS' SAMPLE WITH HISTORICAL OF VIOLENT CONDUCTS AT SCHOOL: ANALYSIS FROM THE METHOD OF RORSCHACH*

Aline dos Santos Pires<sup>2</sup>, Paulo Francisco de Castro<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente estudo objetivou caracterizar a personalidade de adolescentes que apresentam condutas, caracterizadas como violentas, na escola. Participaram da pesquisa 20 adolescentes do sexo masculino com idade média de 13,85 anos, sendo dez adolescentes de uma escola pública e os outros dez de uma escola privada, ambas situadas na Grande São Paulo. O instrumento utilizado foi o Método de Rorschach, segundo o sistema compreensivo, instrumento que possibilita a avaliação da estrutura de personalidade do indivíduo e o funcionamento de seus psicodinamismos. Os resultados revelaram que além das características de personalidade identificadas na análise do Rorschach e das vivências emocionais, as variáveis sócioeconômicas podem ser consideradas determinantes para caracterizar a conduta violenta do adolescente, já que o maior comprometimento ocorreu com os adolescentes da escola pública. Como os resultados se referem à amostra em questão e diante da relevância do tema, entende-se que estudos mais amplos são importantes para melhor compreensão desse fenômeno contemporâneo.

**Palavras-Chave:** Adolescência. Avaliação Psicológica. Método de Rorschach. Violência.

**ABSTRACT:** *The present study aimed to characterize the adolescents' personality what they present conducts, characterized as violent, at school. They announced of the inquiry 20 adolescents of the masculine sex with average of 13,85 years old, being ten adolescents of a public school and other ten of a private school, both situated in Great Sao Paulo. The used instrument was the Method of Rorschach, according to the understanding system, what makes possible the evaluation of the personality's structure of the individual and the functioning of the dynamic of his psychological functions. The results showed that besides the characteristics of personality identified in the analysis of the Rorschach and of the emotional existences, the variables social-economic can be considered determinants to characterize the violent conduct of the adolescent, since the biggest compromising took place with the adolescents of the public school. Since these results refer only to this sample and considering the relevancy of the matter, it's understood that further and more ample studies are necessary to better comprehend this contemporary phenomenon.*

**Keywords:** *Adolescence. Psychological Assessment. Rorschach Method. Violence.*

<sup>1</sup> Apoio: PIC-UNG – Programa de Iniciação Científica da Universidade Guarulhos.

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pela Universidade Guarulhos.

<sup>3</sup> Professor orientador. Professor Adjunto do Curso de Psicologia da Universidade Guarulhos e Professor Assistente Doutor do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.



## INTRODUÇÃO

O adolescente da atualidade vive sua rebeldia como elemento atuante e transformador da sociedade. No passado, de acordo com Levisky (1998), o jovem índio carregava uma pesada tora de madeira ao atingir a maturidade sexual e mesmo com sofrimento, esse rito lhe permitia alcançar o reconhecimento de si próprio e do grupo social em que estava inserido. Hoje o adolescente usa a sua arte, as pixações ou grafites, como ato de coragem, vandalismo e baderna, transgredindo a lei estabelecida, e é desta maneira que se pode dar o rito de passagem na pós-modernidade.

Além disso, a necessidade de consumo, o ter para ser, ou seja, a valorização do indivíduo pelo que ele possui, segundo Arpini (1999), não é diferente entre os adolescentes desfavorecidos economicamente, que, se não podem ter por meios lícitos, muitas vezes usam de violência para alcançar seus objetivos e não se sentem excluídos.

Tal violência pode ser reflexo da violência cotidiana, fruto da desigualdade social e desamparo familiar vivenciados pelos adolescentes, como pode ser, também, um pedido de socorro, a necessidade de controle de pessoas confiantes, como a família e a escola, com seus papéis socializadores. Se esses papéis não estão presentes na vida do adolescente, é na rua que ele dará vazão às frustrações do seu amor primitivo (WINNICOTT, 1984/1994).

## VISÃO GERAL SOBRE VIOLÊNCIA

A ausência de normas ou ainda a determinação de metas, pela sociedade e a desigualdade de possibilidades para atingi-las, são fatores que geram a violência. Essa não se restringe à prática de delitos, à criminalidade, também deve ser entendida como produto e produtora da deterioração das condições da vida social, assim como uma patologia social que contamina a todos, inclusive grupos considerados como protetores: a família e a escola (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2000).

É equivocado pensar que a violência está vinculada, somente e diretamente, à pobreza, aos centros urbanos, aos adultos e aos dias atuais, pois a cada

dia ela está mais presente entre os jovens de classe média, privilegiados na questão socioeconômica. Ao analisar o fenômeno, deparamo-nos com muitas dificuldades: uma delas refere-se, justamente, a essa multiplicidade de compreensões a seu respeito. Tal diversidade evidencia a fragilidade de suas fronteiras, onde a violência se confunde, se inter-relaciona com a agressão de forma geral, assim como com a indisciplina (CAMACHO, 2001).

Na escola, a violência aparece de várias formas: como abuso de poder sobre os alunos, impedindo-os de pensar e expressar-se; como discriminação em relação à incapacidade de aquisição de conhecimento e, ainda, de grupos, raça e sexo, sendo que essa pode incentivar a violência entre eles. Nesse processo, crianças e jovens são selecionados como bons e capazes, de um lado, e, de outro, estigmatizados como ruins e incapazes. (ITANI, 1998).

Não se pode deixar de mencionar, no contexto escolar, a questão da indisciplina e para tanto, recorrer à sua antítese, a disciplina. No âmbito da socialização, é a escola o espaço mais apropriado para tornar a criança um ser disciplinado ou não; nela existem regras, autoridade, limite, penalidade, culpa e recompensa. Indisciplina pode ser entendida como resistência, ousadia e inconformismo, o que acaba incomodando a instituição, escola, já que a mesma não está preparada para conviver com o fato de o professor não ter controle total, e o aluno ter seu querer cada dia mais, adquirindo maior espaço de atuação e decisão, mais autonomia, o que vem a lhe fortalecer. (CAMACHO, 2001).

Ainda no que se refere à escola, o reconhecimento da violência nesse espaço, como questão social global, parece ser um caminho interpretativo desse fenômeno que coloca em risco a função socializadora dessa instituição. Existe uma dupla fonte que leva a violência à escola, a expressão de autoritarismo pedagógico, afirmando a conduta repressora do professor em sala de aula, e ainda a transferência de norma social, marcada pela violência que rege as relações interpessoais em grupos sociais particulares, a qual é entendida como normal no cotidiano dos alunos e de seus familiares, sendo, dessa maneira, transferida para dentro do universo escolar (SANTOS, 2001).

A violência que as crianças e os adolescentes



exercem é antes de tudo, a que o seu meio exerce sobre elas, e não pode ser entendida somente como uma violência destruidora, mas sim como recusa a estar na escola e a aprender (COLOMBIER; MANGEL; PERDRIault, 1989).

Segundo uma visão freudiana, violência é algo que pertence ao homem e está relacionada ao instinto de morte, que era algo inerente e deveria ser compensado com processos de sublimação e desvio, ou seja, o homem é agressivo e até mesmo cruel, a função da civilização é reprimir sua vontade e seu apetite de crueldade (MARCONDES FILHO, 2001).

A violência, portanto, é a linguagem que organiza as relações de poder, de territórios, de autodefesa, de inclusão e exclusão, instituindo-se como único paradigma, que só se realiza quando repercute psicologicamente e no campo do arbítrio, provocando mal estar, ou seja, o choque do violento não se dá a partir do sofrimento, da imposição do outro, mas sim, a partir do momento que se torna consciência da violência (MARCONDES FILHO, 2001).

## **SOBRE ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA**

No que se refere ao fenômeno adolescência, entende-se que é um período situado entre a infância e a vida adulta, começando com primórdios físicos da maturidade sexual e terminando com a realização social do adulto independente (MYERS, 1999).

A faixa etária, na realidade, é imprecisa quanto aos seus limites, corresponde mais ou menos à época entre os 12 e os 20 anos, porém, se forem incluídos, por exemplo, processos físicos da puberdade, em especial nas meninas, esse início pode ocorrer por volta dos 8 ou 9 anos e ainda, no que diz respeito o seu término, deve-se ressaltar que um jovem de 18 anos que trabalha, tem filhos e esposa, não pode mais ser considerado adolescente, já que tem responsabilidades de um adulto (BEE, 1997).

A adolescência é uma etapa evolutiva do ser humano em que o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo está no auge, portanto, não se pode compreendê-la separando os aspectos biológicos, sociais ou culturais. Esses são indissolúveis, o que caracteriza unidade ao fenômeno adolescência, pois, se é certo

que com as modificações corporais vêm as angústias básicas da puberdade, é também correto dizer que sem o adequado entendimento da crise de valores do adolescente não se pode compreender o real significado da transformação da criança em adulto (OSÓRIO, 1989).

A puberdade diz respeito às mudanças biológicas dessa faixa etária, enquanto a adolescência, às transformações psicossociais, contudo, ambas se atrelam, mas é importante ressaltar que a puberdade é universal e seu início cronológico: em condições físicas normais, dá-se por volta dos 12 aos 15 anos, em média, com a menarca na menina e a primeira ejaculação no menino. Já a adolescência, embora também universal, tem características relacionadas ao ambiente sociocultural do indivíduo (BEE, 1997).

As modificações físicas, em especial os caracteres sexuais secundários, como o surgimento de pelos, a mudança de voz, o crescimento das glândulas mamárias, eram, anteriormente, o que assinalava a adolescência; nas últimas décadas, esse fenômeno foi considerado como momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, marcado não só pela imagem corporal definitiva, como também pela estruturação final da personalidade, já que as modificações corporais se relacionam com as modificações psicológicas, levando a uma nova relação com o outro, que só é possível caso elabore o luto pelo corpo infantil, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância (ABERASTURY, 1988a).

O tríplice luto traz a confusão sexual e da temporalidade que caracterizam o pensamento do adolescente. A elaboração incompleta ou a falta de elaboração de um dos lutos produzirá a persistência e irredutibilidade, identificados na conduta psicótica (ROSENTHAL; KNOBEL, 1988).

No que se refere à temporalidade, Knobel (1988) relata que é através da elaboração dos lutos pelo infantil perdido que o adolescente sai da indiscriminação temporal, conceitual e cronológica, as contradições de imediatismos, adquirindo então, capacidade de codificação, simbolização e abstração.

Em relação aos aspectos cognitivos, nesse período ocorre a passagem do pensamento concreto para o abstrato formal: de acordo com a teoria de Piaget (1964/1987), o adolescente torna-se capaz de lidar



com conceitos e realizar operações no plano da idéia.

O pensamento formal começa por volta dos 12 anos e são as operações formais que fornecem ao pensamento a possibilidade de destacá-lo e libertá-lo do real, construindo assim, suas teorias e reflexões espontâneas. Assim como acontece com o bebê e com a criança, toda nova capacidade da vida mental começa por incorporar o mundo em assimilação egocêntrica e somente depois, é capaz de atingir o equilíbrio com a acomodação. Na adolescência, o fato apresenta-se como um egocentrismo intelectual, manifesto pela crença na onipotência da reflexão, como se o mundo devesse se submeter aos sistemas, e não estes à realidade (PIAGET, 1964/1987).

Segundo Elkind (1972), o pensamento operacional formal capacita o adolescente a conceituar o próprio pensamento e também o pensamento dos outros, e este é o ponto crucial do egocentrismo do adolescente, já que, embora ele possa conhecer os pensamentos alheios, não consegue diferenciar para quais objetivos são dirigidos tais pensamentos, e, como o foco de sua preocupação é ele mesmo, presume que os outros também estão obcecados com o seu comportamento e sua aparência.

A questão da moral na adolescência envolve o desenvolvimento, o pensamento e a ação moral. O desenvolvimento refere-se à tarefa de aprender o certo e o errado e desenvolver o caráter. Para tanto, é preciso pensar em termos morais e agir em conformidade com eles (BEE, 1997).

Agir de maneira moral depende não só do pensamento, mas também das influências sociais, portanto, não são as atitudes que determinam a ação, e como há uma distância entre pensamento e ação, a educação moral deve focalizar esses dois fenômenos. Quando os pais fixam altos padrões morais e praticam o que pregam, seus princípios tornam-se mais convincentes e mais propensos a serem seguidos pelos filhos (MYERS, 1999).

O aspecto psicossocial da adolescência traz o fato de que uma crise precisa de solução, assim como cada estágio da vida do homem. Erikson (1968/1976) chamou tal crise de normativa, onde o indivíduo se organiza. A tarefa do adolescente é sintetizar o passado, o presente e as possibilidades futuras, num sentimento mais nítido do eu, ou seja, a busca da identidade.

Essa busca, pelo fato de o adolescente diferenciar-se dos demais, gera conflitos, já que não é fácil deixar para trás a identidade infantil de dependência do outro e a falta de responsabilidade por seus atos; contudo, é o processo mais importante da adolescência, já que vai se constituir enquanto indivíduo que tem de si mesmo a consciência de Ser no mundo. Somente com a capacidade de aceitar, concomitantemente, os dois aspectos, o de criança e o de adulto, o adolescente pode começar a aceitar as mudanças do seu corpo, dando origem à sua nova identidade (ABERASTURY, 1988b).

Quando o jovem não afirma sua identidade no final da adolescência, significa que não conseguiu sintetizar e integrar as diversas identificações que seu ego realizou no decorrer do desenvolvimento. A consequência disso é uma pessoa em constante crise, que representa papéis difusos e contraditórios. São aqueles que protestam contra valores sociais, mas não conseguem de maneira produtiva ou criativa apresentar alternativas que mudem, positivamente, a ordem social que criticam: assumem comportamentos regressivos, buscando satisfazer os impulsos libidinosos, podendo chegar à delinquência (D'ANDREA, 1974).

A necessidade de consumir para estar dentro dos ditames sociais, onde o padrão estético-lúdico identifica o indivíduo, é ainda mais acentuado entre os adolescentes, que precisam possuir algo para se sentirem bem (ARPINI, 1999).

O consumismo não é diferente entre os adolescentes em situação de risco, pois se não podem ter por meios lícitos o que desejam, muitas vezes usam de violência para alcançar seus objetivos e não se sentem excluídos pela sociedade organizada, que valoriza o indivíduo pelo que ele tem.

Dias (2001) constata, em uma pesquisa realizada na cidade de Santos, que a pobreza é apenas uma das causas da criminalidade. Uma amostra de 40 menores com 23 não infratores e 17 infratores, identifica que psicopatologias e brigas conjugais entre pais seriam mais agravantes da violência do que a precária condição econômica.

A falta de competência social que algumas famílias têm para educar suas crianças é o que mais atrapalha na formação dos valores dos jovens. Os sintomas de uma educação equivocada começam a apa-



recer entre 6 e 7 anos de idade. Esse foi o caso dos 17 infratores da pesquisa. Dias (2001) relata ainda que uma criança que apresenta problemas de comportamento quando está nos primeiros anos de vida escolar tem grandes possibilidades de apresentar distúrbios como agressividade excessiva na adolescência.

Na busca de entendimento do crescente número de adolescentes envolvidos em atos ilícitos, encontram-se mais do que o fator sócioeconômico, como agravante, mas também as questões subjetivas dos adolescentes, que na maioria das vezes não são avaliadas. Entender que o adolescente se expressa no ato, mais do que em palavras, e esse ato pode refletir a necessidade de se sentir acolhido pela família, escola ou sociedade.

As afinidades entre os adolescentes propiciam a vivência nos grupos ou bandos, onde se identificam. Aqueles que agredem e desobedecem às regras e não temem a autoridade dos mais velhos passam a ter o comportamento seguido pelos demais e este exemplo se torna mais forte com a ausência física ou não, da figura paterna, já que o pai declinou devido à falta de credibilidade, em várias funções sociais. Com isso, os adolescentes justificam seus atos como revolta: não têm o pai como função moderadora e o outro social e consideram hostil a escola ou mercado de trabalho (GALLO, 2000).

A preocupação com a violência na adolescência é necessária, porém devem-se levar em consideração os diferentes fatores que intervêm nesse processo. Winnicott (1984/1995) indica a relação entre privação dos adolescentes e as transgressões cometidas por eles. A condição de sentir-se privado é o mesmo que lhe faltar estrutura do lar: se não tem sinais de segurança, perde a estrutura dentro de casa, ou até mesmo, se nunca a encontrou, vai à busca de uma estabilidade externa a qual possa desafiar. Quando a família não supre esse papel, a escola, como agente socializadora do indivíduo, pode desempenhá-lo. Contudo, se a escola também não desempenha tal papel, é na rua que ele vai dar vazão às frustrações do seu amor primitivo. O comportamento anti-social nada mais é, que um pedido de socorro por meio do controle de pessoas confiantes.

Não basta reduzir o binômio adolescência e violência a questões sociais e econômicas, é preciso

se ater aos componentes culturais e, principalmente, psicológicos, compreendendo como os indivíduos apreendem, compartilham e orientam suas ações em torno dos objetos sociais que servem de referência à construção de sua identidade e identificações (SILVA, 2001).

## **PESQUISAS SOBRE O TEMA: CONTRIBUIÇÕES DO RORSCHACH**

Adrados (1976) investiga a questão da afetividade dos jovens através do Método de Rorschach, porém, para tanto, faz-se necessário se aprofundar em questões como a ansiedade, estabilidade emocional, adaptação social, mecanismos de controle dos adolescentes, possibilitando delimitar o normal e o patológico na personalidade dos mesmos.

Por meio das manchas do Rorschach, o indivíduo, na elaboração do percepto, tem seus valores de realidade participando da resposta. Portanto, não há uma simples associação ou projeção, ocorre uma construção da percepção. As respostas fazem parte de um processo ativo, estruturador e organizador das imagens do passado na relação com a experiência imediata. A classificação, das respostas ao Rorschach, baseada na compreensão da dinâmica entre as esferas intelectuais, afetivas e conativas, facilita a interpretação dos dados, configurando o funcionamento psíquico do analisando (COSTA, 1999).

Freitas e Campagna (1999) identificam o método de Rorschach como um instrumento sensível e útil para diagnosticar e orientar a condução de tratamento de um sujeito que aos 16 anos apresenta problemas de conduta. A análise quantitativa e qualitativa da primeira aplicação, aos 10 anos do mesmo sujeito, já anunciava conflitos importantes como a falta de figuras parentais continentais e flexíveis para conter sua impulsividade, um rebaixamento da auto-estima e contato fantasioso com a realidade. Porém, como não houve a intervenção solicitada, com a chegada da adolescência, os conflitos não elaborados se agravaram, contribuindo para a crise de identidade e incentivando a condutas anti-sociais do sujeito.

Coutinho e Dias (1989/1990) em estudos com adolescentes institucionalizados e não institucionaliza-



dos, utilizando o Rorschach, constatam que os jovens não institucionalizados, mesmo vindos de ambientes desfavoráveis, se apresentam menos imaturos e estereotipados, menos dependentes e passivos, mais produtivos e objetivos, mais propensos ao relacionamento com os outros, mais próximos da realidade e, ainda, com a autoestima maior do que os jovens institucionalizados.

Segundo Silva e Vaz (2001, p. 261) “a agressividade é uma questão que acompanha a evolução da humanidade manifestando-se através de sinais característicos de conduta e comportamento”. Em um estudo feito, a partir de variáveis do Rorschach, pelos autores citados, em Porto Alegre, sobre as implicações do contexto social no desenvolvimento da personalidade da criança com conduta agressiva, considera-se que o ambiente social e cultural influencia o desenvolvimento emocional da criança e conseqüentemente sua conduta, enquanto criança e até mesmo no decorrer da vida.

Assim, o objetivo deste artigo é caracterizar, a partir dos dados do Método de Rorschach, a personalidade de adolescentes que apresentem condutas, tidas como violentas na escola. Todavia, far-se-á necessário instituir um estudo comparativo sobre as características de personalidade de adolescentes das escolas pública e privada.

## MÉTODO

### Colaboradores da pesquisa

Participaram da pesquisa 20 adolescentes do sexo masculino, de 12 a 17 anos, com idade média de 13,85 anos, regularmente matriculados no Ensino Fundamental II ou Ensino Médio, sendo 10 adolescentes de uma escola pública e os outros 10 de uma escola privada, ambas situadas na cidade de Guarulhos, São Paulo.

Os sujeitos foram escolhidos mediante a seleção da diretoria de cada escola, usando o critério de recebimento de advertência escrita ou suspensão por motivos de comportamento inadequado, como agressão verbal ou física e indisciplina, por parte dos adolescentes.

### Instrumento de coleta de dados

O levantamento de dados foi feito a partir de uma entrevista dirigida e do Psicodiagnóstico de Rorschach, teste capaz de fornecer subsídios para avaliação da estrutura da personalidade do indivíduo, seus traços, o funcionamento de suas condições intelectuais, nível de ansiedade básica e situacional, depressão, capacidade de suportar conflitos e frustrações, ajustamento e integração humanos, instintos, impulsividade, reações emocionais e todos os aspectos que possam vir a colaborar para identificar agressividade e aspectos de violência (VAZ, 1997).

Para classificação e interpretação do material coletado, estão sendo utilizados os Manuais de Classificação para o Sistema Compreensivo de Exner Jr. (1999) e Interpretação do Rorschach para o sistema compreensivo de Exner Jr. e Sedín (1999).

### Procedimentos para coleta de dados

Inicialmente foi obtida a aprovação das estratégias metodológicas pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Guarulhos, em 02/08/2004 sob o protocolo nº 36/2004.

Após isso, foram feitos contatos com uma escola pública e outra privada, para explicitar os objetivos da pesquisa e obter autorização prévia para sua realização. Em seguida, com o auxílio da diretoria de cada escola, foi feita a seleção dos sujeitos e enviado um comunicado solicitando a autorização dos pais ou responsáveis pelos adolescentes menores, para que pudessem participar da pesquisa. A partir dessas etapas foram agendadas, conforme disponibilidade de horário de cada um, as entrevistas para aplicação do Psicodiagnóstico de Rorschach, às quais cada adolescente precisou estar presente, de uma a duas vezes, em sua escola, fora do período letivo.

O local utilizado para a realização das entrevistas e aplicação do Rorschach foi, considerando-se as possibilidades da escola, reservado e sem a presença de estímulos externos.

Foi feita a entrevista para obter informações sobre o sujeito e seus relacionamentos, em seguida foi apresentado e aplicado o Psicodiagnóstico de Rorschach, segundo o sistema compreensivo proposto por Exner Jr. (1999).

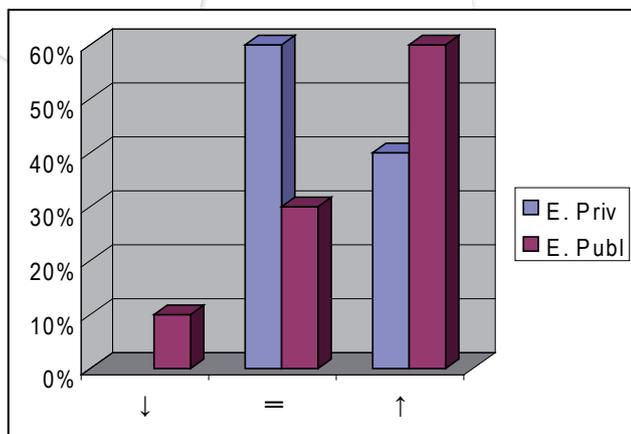


## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a aplicação de todos os testes, suas respostas foram codificadas de acordo com as especificações do sistema compreensivo de Exner Jr. (1999).

A codificação de cada teste foi organizada segundo os agrupamentos de interpretação e os dados dos dois grupos foram comparados para a análise. Toda a interpretação exposta nesse trabalho foi baseada nos critérios apresentados por Exner Jr. e Sedín (1999), estabelecidos para o sistema compreensivo.

Os dados apresentados pelos dois grupos foram comparados; atendo-se aos dados de maior diferença quanto às diferenças na caracterização da personalidade dos adolescentes de uma escola privada e outra, pública, o Método de Rorschach observou-se o seguinte quadro:

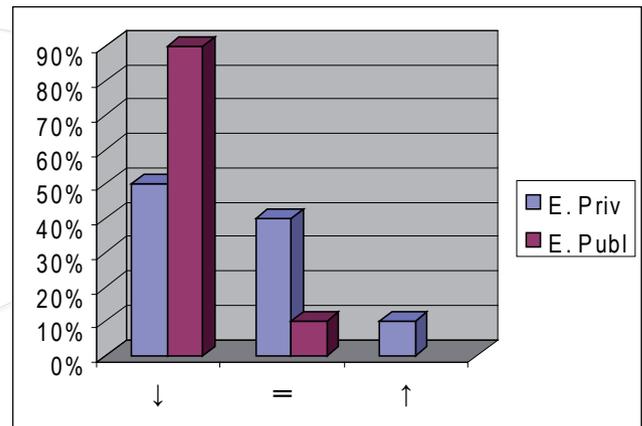


Legenda: ↓ - abaixo da média = - média ↑ - acima da média

Figura 1 – Controle Intelectual (Lambda).

Figure 1- Intellectual Control (Lambda).

No que se refere ao Controle Intelectual, observado pelo índice Lambda, conforme dados da Figura 1, na escola privada, 60% dos alunos usam esse controle adequadamente, enquanto na escola pública, somente 30% dos alunos usam-no dessa maneira, o que os remete a uma simplificação excessiva, que pode ser decorrente da evitação de processar a emoção e se deixar invadir pelo afeto.



Legenda: ↓ - abaixo da média = - média ↑ - acima da média

Figura 2 – Experiência Efetiva (EA).

Figure 2 – Experience Actual (EA).

A partir dos dados expostos na Figura 2, quanto à Experiência Efetiva, EA, relacionada aos recursos disponíveis que o indivíduo conta para iniciar condutas deliberadas, os alunos de ambas escolas apresentam EA rebaixado, sendo 50% na escola privada e 90% na escola pública, o que remete a uma provável limitação quantitativa de recursos disponíveis, principalmente nos alunos da escola pública, devido o elevado índice percentual observado.

Indivíduos com EA rebaixado sofrem certa vulnerabilidade crônica de apresentar dificuldades diante das múltiplas tensões da vida cotidiana. São indivíduos que funcionam melhor nos meios bem estruturados, rotineiros e livres de ambiguidade, podendo até ser menos eficazes do que a maioria, quando a tensão do meio se mostra maior.

Porém, 40% dos alunos da escola privada apresentaram EA na média, e somente, 10% dos alunos da escola pública alcançaram tal resultado, portanto, entende-se que na escola privada os adolescentes apresentam maior capacidade de controle e maior tolerância ao estresse, utilizando seus recursos disponíveis, podendo formular e realizar suas decisões de maneira mais eficaz para si mesmos.

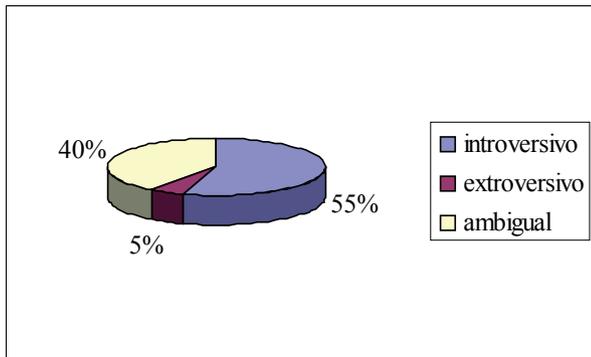


Figura 3 – Estilo de EB na amostra total.  
Figure 3 – *Erlebnistypus* in total sample.

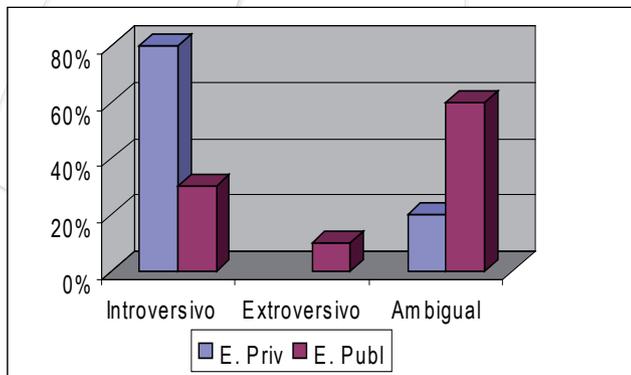


Figura 4 – Estilo de EB na escola privada e na escola pública.  
Figure 4 – *Erlebnistypus* in private school and public school.

As Figuras 3 e 4 descrevem a ressonância interna ou o tipo de vivência afetiva, que avalia a forma predominante de contato com elementos afetivos ou internos dos sujeitos, é obtida pela proporção entre as respostas de Movimento Humano (M) e o valor ponderado das respostas cromáticas (WSumC). Os dados indicaram:

Tipo Introversivo (55% - N=11) – indivíduos que usam o pensamento na tomada de decisão, baseando-se em sua própria avaliação interna na hora de elaborar seus juízos. Destes 80% - N=8 são da escola privada e 30% - N=3 da escola pública.

Tipo Extratensivo (5% - N=1) – indivíduos em que as emoções influenciam toda atividade psicológica. O adolescente com essa característica pertence à escola pública.

Tipo Ambigüal (40% - N=8) – indivíduos que não têm um estilo definido de enfrentar problemas. Destes 20% - N=2 são da escola privada e 60% - N=6 da escola pública.

Os dados indicaram que a maior parte dos sujeitos mostra uma ressonância interna do tipo introversivo, podendo estar associada a comportamentos agressivos na escola. Como os resultados estão baseados na amostra investigada, estudos mais amplos são necessários para generalizações mais consistentes, buscando relações entre introversão e agressividade.

Tabela 1 – Incidência de respostas de Movimento Animal – FM.

Table 1 – Incidence of answers of Animal Movement – FM.

Item	↓	=	↑	N
Escola Privada	5	4	1	10
Escola Pública	9	1	0	10
Total	14	5	1	20

Legenda: ↓ - abaixo da média  
= - média  
↑ - acima da média

Segundo Vaz (1997), as respostas FM funcionam como uma válvula de escape aos impulsos libidinais e tolerância precária a frustrações. Como é possível observar na Tabela 1, na escola privada cinco adolescentes (50%) apresentaram FM rebaixado e na escola pública nove adolescentes (90%). Isso significa que os adolescentes da escola pública apresentam tolerância precária à frustração, e podem ser indivíduos mais deprimidos, defensivos e com pouca iniciativa.

Quanto ao FM na média, adequação ao número de respostas de movimento animal, identifica-se que apesar das duas escolas apresentarem adolescentes com certa tolerância à frustração, os alunos da escola privada apresentam maior adequação a essa tolerância, já que quatro se apresentaram na média (40%) e na escola pública, somente um obteve tal resultado (10%).

O FM rebaixado não indica uma situação saudável, devido o fato de estar correlacionado a processos ideativos provocados por estados de insatisfação de necessidades básicas, não registrando sensações de tais necessidades, tanto primárias (fome e sede) como secundárias (sucesso e prestígio).

Tabela 2 – Incidência de respostas de Movimento Inanimado - m.

Table 2 – Incidence of answers of Inanimate Movement - m.

Item	↓	=	↑	N
Escola Privada	7	1	2	10
Escola Pública	6	4	0	10
Total	13	5	2	20

Legenda: ↓ - abaixo da média  
 = - média  
 ↑ - acima da média

Os dados da Tabela 2 mostram os indicadores de conflitos internos que o indivíduo tem dificuldade de controlar, revelados pela incidência de respostas com determinante de movimento inanimado – m; além desse significado, indica também a vertente ideacional do desconforto situacional provocado. Na escola privada, somente um dos adolescentes (10%) apresentou m na média, enquanto que na escola pública, quatro dos adolescentes (40%) possuem essa classificação.

Isso pode significar que para os adolescentes da escola pública a tensão e o sofrimento não sejam tão intensos, ao contraporem-se os valores sócio-culturais internos, com os externos.

Tabela 3 – Incidência de respostas de Sombreado Difuso Puro - Y.

Table 3 – Incidence of answers of Diffuse Pure Shading - Y.

Item	↓	=	↑	N
Escola Privada	1	4	5	10
Escola Pública	4	5	1	10
Total	5	9	6	20

Legenda: ↓ - abaixo da média  
 = - média  
 ↑ - acima da média

Referente à variável Y, conforme dados da Tabela 3, na escola privada um dos adolescentes (10%) apresentou Y rebaixado e cinco (50%) indicaram valores elevados, enquanto que na escola pública, quatro (40%) apresentaram Y rebaixado e um (10%) Y elevado.

A resposta Y é o correlato emocional de m, seu equivalente afetivo, desencadeada mediante a acontecimentos externos estressantes, gerando assim, um intenso desconforto emocional. Entende-se, portanto,

que os adolescentes da escola pública enfrentam melhor as situações geradoras de desconforto emocional do que os adolescentes da escola privada.

Tabela 4 – Incidência de respostas de Forma-Dimensão - FD.

Table 4 – Incidence of answers of Form-dimension - FD.

Item	↓	=	↑	N
Escola Privada	2	4	4	10
Escola Pública	3	6	1	10
Total	5	10	5	20

Legenda: ↓ - abaixo da média  
 = - média  
 ↑ - acima da média

A Tabela 4 apresenta os dados relacionados a processo de auto-inspeção e tomada de distância do meio, representados pelas respostas de forma dimensão – FD. Observa-se que quatro alunos da escola privada (40%) apresentaram FD elevado, enquanto que na escola pública, somente um (10%) revelou elevação quanto a esta característica.

Esta variável relaciona-se com o processo de autopercepção e é importante quando se trata da auto-imagem do indivíduo, portanto, os adolescentes da escola privada apresentam mais eficácia em separar-se dos estímulos externos e realizar tarefas de autoexame, quando comparados aos adolescentes oriundos da escola pública.

Tabela 5 – Incidência de respostas de Anatomia - An.

Table 5 – Incidence of answers of Anatomy - An.

Item	↓	=	↑	N
Escola Privada	5	3	2	10
Escola Pública	1	5	4	10
Total	6	8	6	20

Legenda: ↓ - abaixo da média  
 = - média  
 ↑ - acima da média

No que se refere ao aumento da preocupação com o corpo e com o funcionamento corporal, relacionados às respostas anatomia, An a partir do que se apresenta na Tabela 5, observa-se que na escola privada cinco alunos (50%), apresentaram An rebaixado,



enquanto que na escola pública somente um aluno (10%) apresentou essa característica.

Segundo Aberastury (1988a), as modificações físicas que ocorrem na adolescência podem ser consideradas como momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, marcado não só pela imagem corporal definitiva, como também pela estruturação final da personalidade.

Esse processo leva a uma nova relação com o outro, menos infantilizada que só é possível caso elabore o luto pelo corpo infantil, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância, contudo a presença de An rebaixado em 50% dos adolescentes da escola privada caracteriza maior infantilidade, acerca do corpo, por esses adolescentes.

Tabela 6 – Incidência de respostas Global – W.

Table 6 – Global Incidence of answers – W.

Item	↓	=	↑	N
Escola Privada	5	2	3	10
Escola Pública	5	5	0	10
Total	10	7	3	20

Legenda: ↓ - abaixo da média

= - média

↑ - acima da média

Referente às respostas globais – W, como está expresso na Tabela 6, dois adolescentes (20%) da escola privada apresentaram W na média, enquanto que na escola pública cinco (50%) revelaram o mesmo índice. Já quanto W elevado, somente a escola privada teve representação, sendo esta de três estudantes (30%).

Sendo W para Vaz (1997) a capacidade para percepção, visão de conjunto, poder de síntese e de abstração para Adrados (1985), um dos mais valiosos componentes da inteligência, e para Exner Jr. e Sedín (1999), o senso de organização pode-se entender que quanto à média esperada para essas características, os adolescentes da escola pública estão mais adequados do que os da escola privada.

Contudo, na escola privada é possível identificar um aumento de capacidade intelectual, o que não aparece na escola pública.

Tabela 7 – Incidência de respostas de Detalhe Comum – D.

Table 7 – Incidence of answers of Common Detail – D.

Item	↓	=	↑	N
Escola Privada	3	5	2	10
Escola Pública	6	3	1	10
Total	9	8	3	20

Legenda: ↓ - abaixo da média

= - média

↑ - acima da média

Quanto à localização em detalhe - D, referente à inteligência prática e objetiva, segundo Vaz (1997), e ainda, uma forma econômica, simples e prática de responder à tarefa, segundo Exner Jr. e Sedín (1998/1999), tem-se o seguinte:

Conforme é possível observar a partir dos dados da Tabela 7, a escola privada apresentou três adolescentes (30%) com D rebaixado e a escola pública seis colaboradores (60%), o que caracteriza os adolescentes da escola pública com menos senso de realidade objetiva, são menos adaptados à realidade e mais ansiosos do que os da escola privada, por motivos de ordem mental ou por perturbação emocional.

Tabela 8 – Incidência de respostas Sintetizadas de Qualidade

Evolutiva – DQ+.

Table 8 – Incidence of Summarized answers of

Evolutionary Quality – DQ+.

Item	↓	=	↑	N
Escola Privada	4	3	3	10
Escola Pública	9	1	0	10
Total	13	4	3	20

Legenda: ↓ - abaixo da média

= - média

↑ - acima da média

As respostas podem possuir qualidade evolutiva elaborada - DQ+, modalidade mais sofisticada de elaboração cognitiva. Os elementos da Tabela 8 indicam que, na escola privada, quatro adolescentes (40%) apresentaram DQ+ rebaixado, enquanto na escola pública, nove dos adolescentes (90%), o que remete a caracterizar que adolescentes da escola pública têm menor capacidade de realizar processos de análise e

síntese e estabelecer vínculos significativos entre elementos do campo de estímulo. São indivíduos intelectualmente menos complexos.

Tabela 9 – Incidência de respostas de Movimento Humano Ativo - Ma.

Table 9 – Incidence of answers of Human Active Movement – Ma.

Item	↓	=	↑	N
Escola Privada	3	2	5	10
Escola Pública	7	3	0	10
Total	10	5	5	20

Legenda: ↓ - abaixo da média  
= - média  
↑ - acima da média

A Tabela 9 expõe os dados quanto à variável Ma, Movimento Humano Ativo, Ma rebaixado apareceu em três adolescentes (30%) da escola privada e em sete adolescentes (70%) da escola pública. Já Ma elevado, somente a escola privada apresentou representação: cinco adolescentes (50%). Os dados expostos revelam que os adolescentes da escola privada são menos dependentes nas relações interpessoais, enquanto os da escola pública apresentam-se mais dependentes, podendo até evitar a responsabilidade de decisões tomadas, típico de indivíduos que recorrem à fantasia de forma abusiva para negar os aspectos incômodos da realidade, acarretando extrema dependência dos outros.

Segundo Celener, et al. (1999), as características de dependência estão interligadas à menor presença de vínculos com os pais, características estas presentes em adolescentes anti-sociais.

Tabela 10 – Incidência de respostas de Distorção em Movimento Humano - M-.

Table 10 – Incidence of answers of Distortion in Human Movement - M-.

Item	↓	=	↑	N
Escola Privada	0	3	7	10
Escola Pública	0	8	2	10
Total	0	11	9	20

Legenda: ↓ - abaixo da média  
= - média  
↑ - acima da média

No que se refere às respostas distorcidas de movimento humano - M-, a partir do que está assinado na Tabela 10, três adolescentes (30%) da escola privada apresentou M- na média, enquanto na escola pública foram oito os que a apresentaram (80%). Quanto a M- elevado, a escola privada teve sete (70%) representações e a escola pública duas (20%).

Sendo M-, a característica de pensamento desorientado, entende-se que os alunos da escola privada estão mais sujeitos a tal característica do que os alunos da escola pública, contudo, não se pode caracterizá-los dessa maneira, já que M- é uma variável que não deve ser analisada isoladamente.

Tabela 11 – Incidência de respostas Figura Humana Inteira - H.

Table 11 – Incidence of answers Human Whole Figure – H.

Item	↓	=	↑	N
Escola Privada	3	4	3	10
Escola Pública	3	7	0	10
Total	6	11	3	20

Legenda: ↓ - abaixo da média  
= - média  
↑ - acima da média

No que se refere à emissão de respostas com conteúdo humano inteiro – H, a partir dos dados da Tabela 11, é possível verificar que quatro adolescentes (40%) da escola privada e sete adolescentes (70%) da escola pública apresentaram H na média. Já quanto a H elevado, somente três adolescentes (30%) da escola privada apresentaram essa representação.

Os dados médios revelam adequada capacidade de relacionamento com as pessoas, de acordo com Vaz (1997) e ainda, como se dá a autopercepção e a percepção dos demais segundo Exner Jr. e Sedín (1999). Pode-se analisar, portanto, que a amostra indica adequação nos contatos humanos: contudo, os adolescentes da escola privada apresentam maior interesse pelos demais e maior capacidade de relacionamento.

Tabela 12 – Incidência de respostas Figura Para-humana Inteira – (H).

Table 12 – Incidence of answers Para-Human Whole Figure – (H)

Item	↓	=	↑	N
Escola Privada	1	5	4	10
Escola Pública	4	4	2	10
Total	5	9	6	20

Legenda: ↓ - abaixo da média  
= - média  
↑ - acima da média

Na Tabela 12 estão os dados associados aos conteúdos de figuras pára - humanas inteiras - (H): um adolescente (10%) da escola privada e quatro (40%) da escola pública apresentaram esse item (H) rebaixado, o que remete a caracterizar, segundo Vaz (1997), relacionamento receoso, cauteloso e controlador por parte dos adolescentes, principalmente, da escola pública, onde a incidência foi maior.

Tabela 13 – Incidência de respostas Figura Animal Inteira - A.

Table 13 – Incidence of answers Whole Animal Figure – A.

Item	↓	=	↑	N
Escola Privada	2	2	6	10
Escola Pública	2	5	3	10
Total	4	7	9	20

Legenda: ↓ - abaixo da média  
= - média  
↑ - acima da média

Referente aos conteúdos animais inteiros - A, como exposto na Tabela 13, dois adolescentes (20%) da escola privada e cinco (50%) da escola pública apresentaram A na média. Quanto ao A elevado, esse surge em seis dos adolescentes (60%) da escola privada e três (30%) da escola pública.

O conteúdo A elevado pode ser, segundo Vaz (1997), indicativo de estereotipia do pensamento, pouca flexibilidade e pouca capacidade de adaptação a conteúdos comuns, portanto, entende-se que tal característica apareceu predominantemente nos adolescentes da escola privada, quando comparados aos da escola pública.

Tabela 14 – Incidência de respostas Forma-cor - FC.

Table 14 – Incidence of answers Form-Color – FC.

Item	↓	=	↑	N
Escola Privada	3	6	1	10
Escola Pública	9	1	0	10
Total	12	7	1	20

Legenda: ↓ - abaixo da média  
= - média  
↑ - acima da média

Como é possível verificar na tabela 14, no que se refere às respostas de determinante forma-cor - FC, seis adolescentes (60%) da escola privada e um (10%) da escola pública apresentaram FC na média, e ainda, quanto ao FC rebaixado, a escola privada apresentou três adolescentes (30%) e a escola pública nove (90%).

Esse dado revela que quanto à capacidade de relacionamento afetivo-emocional, os adolescentes da escola privada estão mais adequados, com capacidade de receber e investir afetos. Já os adolescentes da escola pública provavelmente bloqueiam a expressão emocional para neutralizar seu risco de descontrole, usam elementos cognitivos para controlar a experiência afetiva de acordo com Vaz (1997).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da violência, presente atualmente nas escolas brasileiras, principalmente, nos grandes centros, preocupa a população como um todo, e também estudiosos do comportamento humano.

Os meios de comunicação relatam, diariamente, crimes hediondos, a falta de cidadania, a perda de solidariedade e a desvalorização do próximo. Com isso banalizam a vida, as relações afetivas e até a violência, agem como instigadores da mesma, sem a preocupação do impacto psicológico causado na sociedade, correndo o risco de transformar o fator violência em um valor cultural, que pode ser assimilado, principalmente pelos adolescentes, como uma forma de ser, um modo de autoafirmação.

Partindo do pressuposto que a violência é a linguagem que organiza as relações de poder, de autode-



fesa, de inclusão e exclusão, que só se realiza quando repercute psicologicamente e no campo do arbítrio, entende-se que a violência praticada pelos adolescentes, tanto em escola privada, como na escola pública, é a expressão de uma disputa de poder, de demarcação de território, ou ainda uma forma de chamar atenção, provocando mal-estar, ou seja, o choque do violento não se dá a partir do sofrimento, da imposição do outro, mas sim a partir do momento que se toma consciência da violência.

Ponderando que são vários os aspectos que interferem em uma conduta tida como violenta, por adolescentes na escola, os resultados obtidos com a amostra em questão, revelam que, de maneira geral, não apresentam lapsos, deslizamentos ou falhas lógicas no curso da ideação, a conceitualização da informação colhida e traduzida pelos processos anteriores. Porém, quanto à capacidade intelectual, assim como o controle intelectual para resolver situações estressantes no dia-a-dia, os adolescentes da escola privada estão mais adequados do que os da escola pública. Isso provavelmente decorre de certa limitação quantitativa de recursos disponíveis a estes adolescentes os quais se mostram mais vulneráveis diante das dificuldades cotidianas.

Devido a essa tolerância precária às frustrações, os adolescentes da escola pública podem ser mais deprimidos, defensivos e sem iniciativa do que os da escola privada. Contudo, a tensão e o sofrimento talvez não sejam tão intensos, para os adolescentes da escola pública, quando contrapostos aos valores sócio-culturais internos com os externos. Portanto, podem enfrentar melhor as situações geradoras de desconforto emocional do que os adolescentes da escola privada.

Os adolescentes da escola pública apresentam-se, também, com menos senso de realidade objetiva, são menos adaptados à realidade e mais ansiosos do que os da escola privada, por motivos de ordem mental ou por perturbação emocional. Têm menor capacidade de realizar processos de análise e síntese, são indivíduos intelectualmente menos complexos.

Quanto aos aspectos afetivos e de relacionamentos interpessoais, os adolescentes da escola privada mostram-se mais adequados. Já os da escola pública podem bloquear a afetividade e evitar um con-

tato mais próximo com os outros, demonstrando menor interesse pelas pessoas do que o esperado.

Conjectura-se, portanto, que além das características de personalidade identificadas na análise do Rorschach e das vivências emocionais, as variáveis sócioeconômicas podem ser consideradas determinantes para caracterizar a conduta violenta do adolescente, já que o maior comprometimento ocorreu com os adolescentes da escola pública. Como os resultados se referem à amostra em questão, e diante da relevância do tema, entende-se que estudos mais amplos são importantes para melhor compreensão desse fenômeno contemporâneo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A. Adolescência. In ABERASTURY, A. (Org.). **Adolescência**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988a. p. 15-32.

ABERASTURY, A. O adolescente e a liberdade. In ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. 7. ed.. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988b. p. 13-23.

ADRADOS, I. **Rorschach na adolescência normal e patológica**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976.

ARPINI, D. M. Adolescência e violência: reflexões a partir da história. **Revista Psicologia Argumento**, v. 17, n. 24, p. 99-112, 1999.

BEE, H. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

CAMACHO, L. M. Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescente. **Educação e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 123-140, 2001.



CELENER, G. D.; SEIDMANN, S.; ZANELLI, M.; ROSENFELD, N.; BERGARA, G.; NEJAMKIS, B.; PINTO, L. Evaluación psicodiagnóstica y social de la vivencia de desamparo en el adolescente disocial. **Estudos Psicossociais**, v. 7, n. 11, p. 113-134, 1999.

COLOMBIER, C.; MANGEL, G.; PERDRIault, M. **A violência na escola**. 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1989.

COSTA, G. B. P. M. O método de Rorschach sob uma ótica atual. In ENCONTRO SOBRE PSICOLOGIA CLÍNICA, 2. 1999, São Paulo. **Anais ...** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1999. p. 44-47.

COUTINHO, M. P.; DIAS, C. M. O Rorschach em adolescentes institucionalizados X não institucionalizados. **Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo**, v. 3, n. 1, p. 71-76, 1989/1990.

D'ANDREA, F. F. **Desenvolvimento da personalidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil, 1974.

DIAS, M. D. F. **Adolescentes infratores e não infratores: uma análise comparativa através do CBCL e YSR**. 2001. 96 f. Dissertação (Mestrado em Medicina) – Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2001.

ELKIND, D. **Crianças e adolescentes: ensaios interpretativos sobre Jean Piaget**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

ERIKSON, E. H. (1968). **Identidade: juventude e crise**. 2. ed. Trad. A. Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

EXNER Jr., J. E. **Manual de classificação do Rorschach para o sistema compreensivo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

EXNER Jr., J. E.; SEDÍN, C. **Manual de interpretação do Rorschach para o sistema compreensivo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

FREITAS, L. M. C.; CAMPAGNA, V. N. A importância do método de Rorschach no psicodiagnóstico: um caso clínico. In ENCONTRO SOBRE PSICOLOGIA CLÍNICA, 2. 1999, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1999. p. 76-78.

GALLO, C. M. L. C. Reflexões acerca do adolescente autor de infrações. In CONGRESSO IBERO AMERICANO DE PSICOLOGIA JURÍDICA, 3. 2000, São Paulo. **Anais ...** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2000, p 101-102.

ITANI, A. A violência no imaginário dos agentes educativos. **Caderno Cedex**, v. 19, n. 47. p. 36-50, 1998.

KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. p.25-62.

LEVISKY, D. L. Adolescência e violência; uma sociedade carente de pai e mãe. 1998. Disponível em: <[www.mp.sp.gov.br](http://www.mp.sp.gov.br)>. Acesso em: 15 de ago. 2003.

MARCONDES FILHO, C. Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 2. p. 20-27, 2001.

MYERS, D. **Introdução à psicologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PIAGET, J. (1964). **Seis estudos de psicologia**. 15. ed. Trad. M.A.M. D' Amorim. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

ROSENTHAL, G.; KNOBEL, M. O pensamento no adolescente e no adolescente psicótico. In ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. p. 80-87.



SABINO, C.; FRIGULHA, D. **O cuidar na adolescência**. Disponível em: <[www.weblab.unp.br/agora](http://www.weblab.unp.br/agora)>. Acesso em: 02 de setembro de 2003.

SANTOS, J. V. T. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. **Educação e Pesquisa**, v. 27, n.1, p. 105-122, 2001.

SILVA, H. N. C. Marginais e delinqüentes: mitos e realidades. 2001. Disponível em: <[www.weblab.unp.br/agora](http://www.weblab.unp.br/agora)>. Acesso em: 02 de set. 2003.

SILVA, M. S.; VAZ, C. E. Déficit de raciocínio lógico, conflito de valores e carência afetiva no Rorschach de crianças com problema de conduta. In CONGRESSO DE PSICOLOGIA CLÍNICA, 1. 2001, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2001, p. 261-264.

VAZ, C. E. **O Rorschach**: teoria e desempenho. São Paulo: Editora Manole, 1997

WINNICOTT, D. W. (1984). **Privação e delinqüência**. 2. ed. Trad. A . Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1995.